

**EU
ODEIO OS
HOMENS**

UM DESABAFO

**PAULINE
HARMANGE'**

Tradução de
Adriana Azevedo

1ª edição

 **rosa** dos
tempos

Rio de Janeiro | 2021

INTRODUÇÃO

Um dia escrevi no meu blog que a preguiça dos homens, a reticência deles em se interessar pelas causas das mulheres, me cansava. *Imediatamente*, um anônimo cordial deixou este comentário: “Vocês deveriam se perguntar por que os homens não querem falar sobre isso. Algumas pistas: *a atitude agressiva, para não dizer rancorosa, das feministas contra todo homem que não diz: ‘Tenho vergonha de ser homem! Morte aos homens!’ No dia em que vocês virem as relações homem-mulher como elas são [...], então a gente vai escutar vocês. Enquanto isso, vocês serão vistas como frustradas de bigode e prejudicarão a sua causa.*”

Com palavras não muito veladas, esse senhor me acusava de misandria. Eu não sou a única que com regularidade é acusada de odiar os homens: muitas são as

feministas e lésbicas que foram acusadas dessa afronta. Deflagrar o poder dos homens e não sentir atração por eles, isso não pode ser outra coisa que não ódio, não é mesmo?

A acusação de misandria é um mecanismo de silenciamento: uma forma de fazer calar a raiva, às vezes violenta, mas sempre legítima, das oprimidas em relação aos opressores. Ficar chocado com a misandria, fazer dela uma forma de sexismo como qualquer outra e igualmente condenável (como se o sexismo fosse condenado...), é varrer para debaixo do tapete com muita perversidade os mecanismos que fazem da opressão sexista um fenômeno sistêmico, apoiado pela história, pela cultura e pelas autoridades. É afirmar que uma mulher que odeia os homens é tão perigosa quanto um homem que odeia as mulheres – e afirmar que ela não tem nenhuma razão de sentir o que sente, seja hostilidade, suspeita ou desprezo.

É isso mesmo, quando foi que um homem, em toda a história da humanidade, fez mal a uma mulher? De forma geral, quando é que *os homens* fizeram mal às *mulheres*?

Nos movimentos feministas, a gente tem o costume de dizer que a misandria não existe. Antes de mais nada,

porque é verdade: ela não é um sistema organizado em todos os níveis para rebaixar e reprimir os homens. Mas também porque, se nos permitimos colocar todos esses cavalheiros no mesmo saco, é para nos divertir, é irônico, entende? Na verdade, nós somos gentis, tá?

E se a misandria fosse necessária, ou até mesmo saudável? Entendo por que nós a rejeitamos. Dá medo de nos apontarem o dedo, ou ser considerada como uma terrível extremista que detesta os homens. Afinal, milhares de mulheres foram queimadas na fogueira por menos que isso.

Vamos lá, confesso a vocês: eu odeio os homens. Todos, sério? Sim, todos. Por padrão, eu tenho muito pouca estima por eles. É cômico, porque não tenho, aparentemente, nenhuma legitimidade para odiar os homens. Eu ainda escolhi me casar com um e, nesse dia, fui obrigada a admitir que eu o amo muito.¹

Isso não me impede de me perguntar por que os homens são o que eles são. Esses seres violentos, egoístas, preguiçosos e vis. E por que nós seríamos obrigadas,

1. Essa escolha não é, ainda assim, desprovida de um contexto. Como mulher bissexual, o que seria a minha vida hoje, se eu não tivesse confrontado desde muito cedo a homofobia da sociedade e do meu entorno?

como mulheres, a aceitar com gratidão esses defeitos – ou melhor, essas taras –, mesmo que os homens nos batam, nos estuprem e nos matem. *Boys will be boys* [rapazes serão rapazes]. As garotas se tornarão mulheres e vão aprender a lidar com isso, porque não há escapatória à visão limitada do nosso destino na bola de cristal do patriarcado. Vamos lá, somos perfeitamente capazes de suportar seus pequenos defeitos... de qualquer maneira, não temos escolha. Que tipo de mulheres somos nós, se nos desviamos do olhar dos homens? Escolham: malcomidas, lésbicas ou muito histéricas.

Além do fato de deslegitimar a causa das mulheres, parece que a misandria é muito difícil de ser vivida pelos homens: uma violência insuportável que, até hoje, totaliza o intolerável índice de zero morte e zero ferido. Parece que com toda essa idiotice feminista, #MeToo e tudo mais, é difícil ser homem hoje em dia. Eles não sabem mais como seduzir, como pegar um elevador com suas colegas nem como fazer piadas... Eles têm, então, o direito de dizer e fazer o quê?

Tantas angústias existenciais pelas quais não consigo sentir muita empatia. Todo o tempo que passam choramingando sobre seu destino de pobres rapazes perse-

guidos, com astúcia se esquivam de seu dever: o de ser um puro produto do patriarcado.

Estranhamente, os homens não se perguntam o quanto as feministas os odeiam – eles notariam muito rápido que a intensidade é alarmante. Não, eles estão muito ocupados em nos explicar que *eles* não são assim, que não é muito bom fazer generalizações. E, sobretudo, que, ao fazer deles inimigos com o nosso *men are trash* [homens são lixo], nos arriscamos a não vê-los se unindo a nós e nos *ajudando* em nossa luta. Como se não pudéssemos conduzir nossa luta sem eles, como se isso não fosse o que estivéssemos fazendo há anos – e como se, quando se convidassem aos nossos postos de luta ou partilhassem nossos combates, eles não tomassem todo o lugar de fala, falando mais alto que nós (e às vezes até mesmo, de quebra, nos violentando).

Vejo na misandria uma porta de saída. Uma maneira de existir fora da curva, uma maneira de dizer *não* a cada respiração. Odiar os homens, como grupo social e muitas vezes também como indivíduos, me traz muita satisfação – e não somente porque sou uma velha bruxa louca dos gatos.

Se nos tornássemos todas misândricas, poderíamos formar uma grande e bela algazarra. Nós nos daríamos

conta (e isso seria talvez um pouco doloroso no início) de que não precisamos de fato dos homens. Poderíamos, acredito, desencadear um poder insuspeitado: o de, pairando muito acima do olhar dos homens e das demandas masculinas, nos revelarmos a nós mesmas.

MISANDRIA, NOME FEMININO

Talvez seja útil definir ao longo deste texto o conceito de misandria como eu o entendo. Falarei então da misandria como um sentimento negativo em relação à categoria das pessoas masculinas em seu conjunto. O sentimento negativo pode ser representado por um espectro que vai da simples desconfiança à hostilidade, que se manifesta a maior parte do tempo por meio de uma impaciência em relação aos homens e uma rejeição de sua presença nos círculos de mulheres. E quando digo “em relação à categoria das pessoas masculinas”, englobo nesse termo todos os homens cisgêneros que foram socializados como tais e que gozam de seus privilégios masculinos sem os colocar em questão – ou os colocam muito pouco (sim, a misandria é um conceito exigente e elitista).

Finalmente, a misandria é um princípio de precaução. Após ter passado tanto tempo sendo, no melhor dos casos, desiludidas e, no pior dos casos, violentadas pelos homens – ainda mais depois de ter absorvido a teoria feminista, que articula o patriarcado e o sexismo –, é totalmente natural desenvolver uma carcaça e não entregar nossa confiança a qualquer cara que ande por aí e que nos assegure que sim, sim, *ele é gentil*.² Contudo, é suficiente que o tipo em questão faça suas demonstrações e exponha sua boa vontade para que nossos sentimentos mais hostis se acalmem. Mas ele nunca passará do período de testes: nada contra ele pessoalmente, é só porque é difícil renunciar aos privilégios e, ainda mais, militar ativamente para que todos os seus semelhantes os percam. Um lapso e, opa!, seria tentador dar em cima de uma mulher na boate de forma grosseira, quando ela já demonstrou seu desinteresse muitas vezes. Um dia ruim, e pá! A gente se encontra de novo interrompendo

2. Uma pequena observação desprovida de fundamento científico: na maior parte do tempo, quando um homem se esforça muito para garantir que é gentil, basta dar dois segundos para que a máscara caia. É mais ou menos como no sexo – salvo que dessa vez é comprovado: aqueles que falam mais são os que fazem menos.

a fala e sendo o tempo todo um *mansplainer* sem-vergonha. Se a gente continua vigiando até mesmo os caras que achamos corretos, é porque todo mundo dá uma es-corregada, e os caras brancos cis e heterossexuais, ricos e aceitáveis são ainda mais suscetíveis de vacilar que os outros. A soma dos privilégios deles é tão pesada que os deixa imóveis. A gente espera que os homens sejam exemplares, porque, quando nós, mulheres, falamos, ninguém escuta. A gente não vai deixar que eles façam as coisas pela metade.

O mínimo que um homem pode fazer diante de mulheres com discurso misândrico é se calar e ouvir. Ele aprenderia um monte de coisas e sairia amadurecido. Ele pode em alguns casos concordar, mas atenção para que ele não faça o caminho inverso: o de se mostrar arrependido de forma muito lamuriosa, pois nenhuma mulher, e menos ainda uma mulher misândrica, tem vontade de ouvir um homem chorando sobre o sortilégio de ser um privilegiado e se fazer de mártir. Ainda não encontrei um homem que reivindicasse para si mesmo o título de misândrico, mas acredito que isso causaria em mim o mesmo efeito que ouvir um homem se auto-proclamar feminista. As militantes feministas têm por instinto o movimento de rejeitar e de ver como suspeito

tudo o que diz respeito a esses tipos. Nós, as que achamos que os homens não podem ser feministas, somos muitas, e eles não podem se apropriar de um termo cunhado por pessoas oprimidas. Porque é incrivelmente comum homens que se dizem feministas e que propagam não terem “desconstruído” seus privilégios tanto quanto querem fazer acreditar, e se aproveitam alegremente disso para desrespeitar e abusar das mulheres no seu entorno. Também é porque não tem coisa mais desgastante do que ver um homem ficar com os louros de forma desproporcional a seus esforços minúsculos, enquanto as mulheres ainda são submetidas a padrões impossíveis, que fazem delas sempre perdedoras. Não podemos mais nos permitir elogiar os homens por coisas tão tristemente banais como sair do trabalho mais cedo para buscar o filho na escola. Não se pode esquecer que, nas mesmas situações sociais, as mulheres são apontadas e criticadas, sejam quais forem as suas escolhas.

Atenção, não estou dizendo que os homens não devem se interessar pelo feminismo, entender a luta e estar de acordo com seus valores. Pelo contrário, estou acusando-os justamente de não se interessarem o suficiente, ou de se interessarem pelas razões erradas (para seduzir feministas, por exemplo) (não faça isso em casa). Existe

um mundo entre “entender uma opressão, seus mecanismos e reconhecer seu lugar nesse sistema” e “apropriar-se dessa opressão para roubar a cena e tomar conta de tudo mais uma vez”. Solicitamos aos homens que utilizem seu poder, seus privilégios, com conhecimento de causa: policiando os demais membros masculinos de seu entorno, por exemplo, não querendo explicar às mulheres como tocar sua própria luta. Solicitamos aos homens que fiquem em seu lugar. Não, na verdade, exigimos que eles aprendam a ocupar menos espaço. Eles não são os protagonistas e precisam se acostumar com isso.

Se com frequência traço o paralelo entre misandria e feminismo, é porque precisei de muitos anos de feminismo para ver desenvolvida em mim essa antipatia pelos homens, para assumi-la e não fingir mais, mesmo diante de homens do meu entorno. Acredito que a prática regular do feminismo permite que eu desenvolva a segurança e a autoconfiança necessárias para chegar até aqui. A gente ganha coragem porque os índices de violência contra a mulher³ estão sendo esmiuçados e analisados

3. Estamos falando de violências físicas (agressões, violações...) e de violências simbólicas, como, por exemplo, a ideia comumente aceita de que as mulheres não têm estado de espírito e competências necessários por serem boas dirigentes.

sob uma perspectiva sociológica. Percebemos que o que sofremos diante de nossas relações, tantas vezes relegadas ao âmbito do íntimo e do pessoal, tem uma dimensão política, um caráter sistêmico, e que não se trata de um delírio em nossa cabeça, nem mesmo é porque as mulheres adoram um drama.

Tomamos então consciência de que não estamos sozinhas, nem quando recebemos um “fiu-fiu” na rua, nem quando fomos agredidas por um cara que pensávamos estar do nosso lado, nem por “governar a casa”, e se estamos de saco cheio não é por conta da nossa fragilidade ou pelo nosso caráter belicoso, mas devido a uma injustiça profunda da qual somos todas vítimas.

Notei a ocorrência de um padrão similar com o feminismo e a misandria nas relações de muitas amigas e conhecidas. Inicialmente pouco politizadas, feministas “à francesa” (o que quer dizer muito dispostas a reconhecer os problemas de igualdade entre mulheres-homens em todos os países do mundo, mas pouco inclinadas a se dar conta de que em nosso próprio país não temos muito do que nos orgulharmos), elas continuam a escavar, a se informar, até estarem nitidamente indignadas por tudo o que se passa, alhures ou aqui, e se encherem de raiva. Ao longo de sua investigação, elas não podem

ver o óbvio – o fato de que os homens e sua virilidade são um problema, não para toda a sociedade, mas para as mulheres em particular. Então elas se tornam misândricas. Porque não existem outras opções, e por terem aberto os olhos em relação à profunda mediocridade dos homens, não há uma verdadeira razão para admirar os seus defeitos.